



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

6 de Junho de 1998 • Ano LV • N.º 1415  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço da Sousa  
Tel. (055) 752285 • FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

# África

**A** O lado da fome e algo (bastante mesmo!) em consequência dela está o problema da saúde. Bastante mesmo porque a fome debilita e torna as pessoas mais vulneráveis; enquanto os agentes das doenças, esses, agora, pouco ou nada combatidos, redobram de virulência.

Há perto de quarenta anos, quando pela primeira vez pisei terra africana, ouvi dizer que «ali, os animais ferozes eram dois: o mosquito e o homem». Uma expressão de humor que poderá parecer um pedacito cínica, mas tem sua verdade. Na selva, os seres obviamente perigosos e temidos, geralmente atacam se têm fome ou em estratégia de defesa própria. Raramente vêm aos povoados e ainda assim motivados pela fome. O mosquito vale-se da sua pequenez e do seu número astronómico e invade o campo dos homens onde produz estragos terríveis se o homem se não defende deles. É um inimigo subtil que exige luta sem tréguas. Com alguma inteligência e muita perseverança o homem aprendeu a dominá-los, chegou mesmo a vencê-los, como foi da erradicação da doença do sono, das bilharzioses e outras, sobretudo do foro sanguíneo e digestivo.

Então, porque tudo isto está de volta?!... Aqui se manifesta pela negativa a ferocidade dos homens. Não faltam meios sofisticados para guerras entre eles, nem utensílios fornecidos por tecnologias de ponta para comodidade e gozo de alguns poucos. E faltam para todos, nomeadamente para os mais fracos, os que em todas as áreas não são defendidos, os meios conhecidos e consagrados pela experiência que assegurariam condições essenciais de salubridade, as quais, embora não substituam o pão, ajudariam a evitar algumas doenças institucionalizadas.

Quando, há tempo, escrevi de Benguela, da ausência de sinais de que ali exista uma Câmara Municipal, poderia ter referido, também, as fumigações que ininterruptamente se faziam nos bairros da cidade e em todo o sítio em volta

onde houvesse charcos, ao que, na linguagem brejeira do tempo, se chamava a tifa. E o paludismo não estava erradicado, mas não metia medo.

Curiosamente, Padre José Maria propunha há tempo a aquisição de equipamento para praticar a tifa na nossa Casa de Moçambique. E decerto falou a alguém que por lá passou, pois recebemos estes dias um donativo valioso com essa dedicatória. Em Moçambique, onde no laboratório instalado em Casa se fizeram já, só este ano, cerca de um milhar de análises para diagnóstico das malárias, onde as enfermarias estão constantemente cheias e se está gastando com a saúde uma média mensal «a passar de três mil dólares, fora operações e corridas à clínica especial onde não se importam de cobrar mil dólares». E acrescenta a informação das obras que se estão fazendo para a recolha e domínio das águas pluviais. Pois ainda assim o paludismo mete medo!

Em Benguela todas as manhãs ao regressar da celebração da Missa, encontrava um grupo de pessoas, predominantemente mulheres com filhos ao colo e a informação: — Tenho doença.

Umhas vezes era a criança; outras, a mãe; outras, ambas. Vinham por uma credencial para o posto médico a que as Irmãs do Santíssimo Salvador dão vida na casa que foi outrora a alfaiataria e sapataria da Casa do Gaiato e agora está adaptada a consultório, sala de tratamentos e até um mini-hospital onde, inclusivamente, se fazem partos. Ali são medicados os doentes com o que há. E eu até sorria com os pruridos cá da Europa a respeito dos prazos de validade! Porque lá, para além dos medicamentos que se vão conseguindo ainda com alguma garantia, o remédio é ir por eles aos mercados onde se compra comprimido a comprimido, ampola a ampola, por milhões de kuanzas cada unidade.

Continua na página 3

# Festas Setúbal

Quando me perguntam como vai a Casa do Gaiato, respondo: — Assim, assim. Nunca vai bem. E quando alguém disser que está bem — então é porque deixou de ser Casa do Gaiato.

O trigo e o joio crescem lado a lado continuamente nesta seara que utiliza como monda exclusiva a consciência individual e colectiva, a qual procuramos formar e esclarecer na vida, sem descanso. O seu adubo é a liberdade e a responsabilidade pessoais de cada rapaz. Temas da nossa Festa.

5 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpetua Azeitonense, AZEITÃO.

10 ou 11 de Junho — 21.30 h, Incrível Almadense, ALMADA.

14 de Junho — 16 h, Salão Paroquial do MONTIJO.

19 de Junho — 21.30 h, Sociedade Capricho Moitense, MOITA.

20 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Operária Amorense, AMORA.

26 de Junho — 21.30 h, Luísa Todí, SETÚBAL.

27 de Junho — 21.30 h, Pavilhão Gimno-Desportivo de SESIMBRA.

De CASCAIS, aguardamos confirmação.

Padre Acílio

# Tojal

6 de Junho — Sábado, 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de FANHÕES.

11 de Junho — Quinta-feira, Corpo de Deus, 15.30 h, Salão Polivalente — ODIVELAS.

14 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão dos Bombeiros de AZAMBUJA.

# Lançamento do novo livro

## Descrição da obra

Quando sair para a rua a presente edição d'O GAIATO, é de crer que o livro «Padre Américo-Místico do nosso tempo», novidade com a marca de Padre José da Rocha Ramos, esteja a ser saboreada por milhares de Leitores.

No corpo da obra, com o formato de 15x21 cm e 232 páginas, há uma Nota de abertura do Padre Carlos. A Introdução, do Autor. Bibliografia (Fontes, Estudos, outras obras consultadas). E o Índice Geral.

A capa, com fundo impresso a verde, tem por ilustração o vitral da nossa Capela, mostrando os pelicanos, o seu significado intrínseco, qual imagem de Jesus Cristo. Intencionalmente, naquele tempo, Pai Américo mandou colocar esse belíssimo trabalho artístico na parede frente ao local onde comunicava com Deus, diariamente.

## Breve nota do Autor

«A ideia do presente trabalho — puramente analítico — nasceu aquando das celebrações centenárias do nascimento do Padre Américo. Escreveu-se então bastante sobre este sacerdote de Galegos. Mas, não

raro, se especulou a propósito desta figura. Noutras ocasiões, os seus biógrafos fixaram-se mais no superficial e no anedótico. Ele acabou assim por não ser apresentado na globalidade, no seu todo. Decidi, nessa altura, reler todos os seus escritos a que tive acesso... e surgiu o presente trabalho. Não é propriamente uma biografia. Proponho-me apenas apresentar uma das facetas que normalmente passa despercebida aos historiadores e biógrafos: a sua espiritualidade. A vida íntima com o Pai. Sim. Porque o Fundador da Obra da Rua não é um filósofo. É, antes de mais, um Padre que, em certa ocasião, decidiu fazer do Evangelho o único livro de oração. É um dos grandes místicos do séc. XX. Místico na acção. O grande segredo da vida e obra deste homem é Jesus Cristo. Mas Cristo Vivo. Palpitante.»

## Expedição para os Assinantes

São mais de quatro mil exemplares! O trabalho está a cargo duma pequenina equipa: «Pintinhas», «Teco», João «Perdido», Fábio, Serafim, e é liderada pelo «Basófia». Salvo qualquer derrapagem..., continuarão uns pequeninos homens com responsabilidade.

Até porque é uma nova acção, complexa para todos eles: corte do cartão para embalagem, oferecido por uma Empresa de Gaia; colagem d'etiquetas com os endereços dos Assinantes nas saquetas que acondicionam a obra; depois, um nadinha prensadas, são amarradas com fio de nylon e colocadas, com jeitinho, em pequeninos contentores dos Correios. Operações que foram sempre realizadas com a prata da casa — os nossos rapazes.

## Postais R.S.F. (resposta sem franquia)

Nas próximas edições d'O GAIATO enviaremos postais R.S.F. (resposta sem franquia), qual motivação para os Amigos que desconheçam ainda a nossa colecção de livros — porque não são Assinantes da nossa Editorial. Desta vez, serão postos n'O GAIATO só depois do lançamento do livro, porque assim decidimos com os mais responsáveis, para se evitar a hipótese de remessas em duplicado.

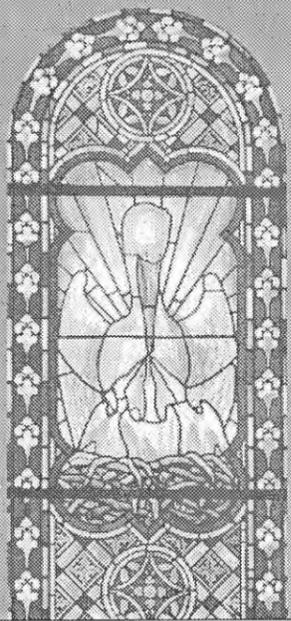
De facto, os nossos postais R.S.F. são já conhecidos por boa parte dos Leitores...

Depois de preenchidos devem ser postos em qualquer marco postal.

Júlio Mendes

JOSÉ DA ROCHA RAMOS

PADRE AMÉRICO  
MÍSTICO DO NOSSO TEMPO



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**SERVIR** — Aliviamos a dor dos que sofrem, pois as partes de receitas são pesado encargo.

Agora mesmo, atendemos um pai aflito. Um só remédio para o filho custa-lhe perto de vinte contos, na botica!

— *Recebo tão pouquinho que mal nos dá prò comer...* — desabafa ele, do fundo do coração.

Aliviamos também o desconto de alguns trabalhadores rurais, do regime especial da Segurança Social, abrindo assim caminho para amanhã usufruírem de pensão, infelizmente tão limitada.

As pensões são o principal meio de subsistência para cerca de 80% de pessoas acima dos 65 anos e cujas condições de vida dependem do nível das reformas.

Diríamos mais e mais e mais!

Reflexão: «*Constitui postura de fé evangélica a solicitude efectiva para com os Pobres, fruto da opção preferencial de Cristo, que assumiu de modo solene o II Concílio do Vaticano...*» — orientação conclusiva de recentes jornadas nacionais do Apostolado dos Leigos.

**PARTILHA** — Quinze mil, do assinante 9790, de Pero-sinho, «*pequenina ajuda para os Pobres*», solicitando «*uma oração por intenção particular*».

Vinte mil, da assinante 67330, da Covilhã, pedindo anonimato, «*para ajudar a minorar o sofrimento de quem pouco ou nada tem*».

Os habituais dez mil, da assinante 14493, do Porto, contribuição referente ao mês de Maio, «*acrescida de 5.000\$00 por conta da dívida que assumi e diz respeito à Páscoa do ano em curso*».

Um cheque, de 5.000\$00, da assinante 21358, de Pardelhas (Murtosa), «*para uma viúva mais necessitada — por alma do meu marido*».

Outro cheque, de trinta mil: «*Como é normal, em O GAIATO mencionem apenas o meu número de assinante — 7769. 'Migalha' destinada a remediar alguma situação aflitiva dos Pobres mais carenciados, como por exemplo a compra de medicamentos*». Foi na hora própria!

Indicamos o nosso endereço a Leitores que no-lo pedem: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, alc do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Casa do Gaiato de Maputo. A cruz domina.

## Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

**ENCONTRO ANUAL** — Como tivemos oportunidade de informar, também por carta, realizaremos mais um Encontro Anual, em Miranda do Corvo, no dia 21 de Junho, esperando maior adesão do que o ano passado, considerada satisfatória.

**Programa** — Concentração a partir das 9 horas. Pedimos que não haja muito atraso. Este ano há eleições, pelo que deverá procurar preparar a tua «lista», se assim o entenderes, pois é importante a participação de todos nos nossos destinos. O almoço será de nossa responsabilidade. Mas pedimos a participação possível para a merenda que será confeccionada pelas nossas mulheres, constando apenas daquelas coisas habituais nestes casos, com mais um bolito para adoçar a boca e que, a exemplo do ano passado, até poderá servir para um concurso. Poderemos até realizar algumas brincadeiras, dependendo do tempo disponível, e até meteorológico, nesse dia. Pelo sim e pelo não, vem preparado com equipamento desportivo e veremos.

**UM APELO** — Agora, expomos aos Leitores, antigos gaiatos ou não, Amigos da Obra da Rua, um assunto preocupante para a Direcção desta Associação, que se relaciona com a aquisição, que entendemos fazer por necessidade absoluta, da habitação para uma família onde pontifica um

antigo colega, em Santa Comba Dão, e que, na iminência de ter de ir viver para a rua (tinha um prazo), com mais três pessoas, mulher e duas filhas doentes mentais. Respondemos ao apelo e, sem dinheiro para respondermos à chamada — um pouco ao jeito de Pai Américo — fomos lá à procura e encontramos uma casita que acabámos por adquirir, empenhando-nos em um pouco mais de dois mil contos, já que tivemos de reparar o telhado.

Não temos nada que se pareça com esta verba, mas através de um empréstimo — que não sabemos como pagar mas confiamos — liquidámos aos proprietários. Não fizemos a escritura por dificuldades do mesmo modo, mas já lá vivem os nossos irmãos cultivando até o bom quintal de que dispõem por detrás da casa. E, logo que possamos, faremos a entrega oficial aos seus proprietários, sem que eles nada paguem por isso.

Pedimos a colaboração da Junta de Freguesia e da Câmara locais, que se prontificaram a prestar alguma assistência. O Miguel, assim se chama o ex-colega, arranjou emprego na localidade. Fizemos a mudança em carro alugado e com a colaboração de colegas de Direcção, e não só, aos quais agradecemos. Regularizámos a transferência de Escola para as duas filhas e tudo está a funcionar, esperamos que bem.

Como facilmente se entende, a nossa preocupação mantém-se pelo compromisso tomado e sem sabermos como resolver a liquidação; não nos bastando a consciência do dever cumprido para com esta família pobre em tudo.

Confiamos que alguém atenderá e entenderá a nossa exposição a favor duma família como tantas, que a esta hora poderia estar a viver à beira da estrada (antes, pouco melhor estava...), embora nada pagando, mas, por isso mesmo, teve de abandonar esse tecto.

Pedimos desculpa pelo nosso atrevimento. Mas como diz o

ditado, «A quem não pede Deus não ouve». Cá ficamos à espera — certos que seremos ouvidos.

As ajudas serão enviadas para Associação dos Antigos Gaiatos — Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo. Agradecemos antecipadamente.

Esta acção poderá ser um incentivo para novos cometimentos.

Manuel dos Santos Machado

## PAÇO DE SOUSA

**NOVENA DO ESPÍRITO SANTO** — Na hora de estarmos com Deus, quer dizer, quando rezamos o Terço, a meio do caminho o nosso Padre Carlos fala sempre do Espírito Santo.

O seu discurso mostra realidades que nos acontecem e ou podem acontecer.

**ESCOLAS** — Faltam poucos dias para começarem as férias grandes. Apenas três semanas. Até lá, esperamos que os alunos em pior situação possam subir as notas de aproveitamento.

**SALÃO DE JOGOS** — Agora temos mais um jogo no nosso salão: a mesa de bilhar.

Testámos algumas partidas e, confesso, temos bons jogadores desta modalidade.

Outros, com um bocadinho de treino, chegarão ao sítio.

**ESTRELAS DA BOLA** — Será mesmo esta semana que as estrelas de futebol se defrontarão connosco. Uma partida emocionante e preocupante, porque, quando se joga com profissionais...

Vamos tentar fazer um bom jogo e tenhamos muita gente para nos apoiar.

Rui Manuel

**FUTEBOL** — Em 17 de Maio defrontámos uma equipa de amigos do Café Eira.

Jogo bem disputado. A primeira parte, sem golos, demonstra bem o equilíbrio entre as equipas.

Após o intervalo, com indicações do técnico, acabámos por marcar de grande penalidade. Vantagem que não conseguimos manter até ao fim. Resultado: 1-1.

A partida ficou marcada pela ausência do «Vitinho» que juntamente com o «Turbinas» costumam fazer a diferença no meio campo.

No dia 24 recebemos o Grupo Desportivo de Jovens de Baltar.

Apesar da sua juventude é uma equipa bem organizada e orientada que deu muita luta e motivou um jogo agradável de seguir.

Apesar de controlarmos sempre o prélio (disso fala o resultado: 11-3) esta equipa promete bons desempenhos futuros.

Além dos golos, é de salientar a excelente defesa do «Pintinhas» correspondendo à marcação de uma grande penalidade. Talvez este fosse o momento mais bonito do jogo.

«Pintinhas» e «Vitinho»

## Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

Escrevo para relembrar que, em 10 de Junho, se realiza a nossa Assembleia Geral para a qual é indispensável a tua participação. Sem ela será mais difícil continuar no comando desta barca, para além de não podermos contar com a tua opinião quanto ao caminho a seguir.

## RETALHOS DE VIDA

### «Ratinho»



Sou o Roberto Carlos Alves Rodrigues, conhecido por «Ratinho». Nasci na freguesia de Pedreiras, Porto de Mós, em 8 de Janeiro de 1989.

Quando eu era pequenino morava num barraco muito velho, todo partido. Não tínhamos móveis. Dormíamos no chão. E, nesse tempo, havia pouca comida. Éramos muito pobres.

Depois, quando tinha um ano e meio, uma ratazana roeu-me a testa e chorei muito.

Sabem quem é que me transportou para o hospital? Uma vizinha muito minha amiga. Levei muitos pontos e chorei muito.

Eu tinha sete anos, o meu pai começou a roubar e, um dia, foi preso. A minha mãe começou a chorar e não fiquei com pena dele porque me batia. Ainda não estava na prisão, embebedava-se e queria matar a minha mãe. Mas eu e os meus irmãos metemo-nos à frente e, depois, desmaiou.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa em 11/19/96. Chorei um pouco e, no segundo dia, fiquei melhor, mais alegre com os meus amigos. Vi que este espaço era maior para eu e os meus amigos brincarmos. Gosto de brincar com os rapazes da nossa Casa. Alguns são de Angola, outros de Moçambique, da Guiné, de Goa, outros ainda são ciganos. Damo-nos todos bem. A maior parte, como é natural, somos portugueses.

Roberto Carlos («Ratinho»)

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 68.800 exemplares.

# Calvário

## O mundo teme e repele a dor

QUEM tem lido esta coluna já reparou, por certo, que o assunto não muda. É invariavelmente o mesmo. E nem sei se alguma vez venha a mudar. Creio bem que não. As situações que se nos deparam, ou de que temos conhecimento, levam-nos a duvidar. O doente é algo de necessário no mundo. Há nele valor insubstituível de redenção. E, porque o mundo teme e repele a dor, o doente que a suporta em abandono é uma realidade consequente àquela temeridade e àquele repelir. É sintoma desta verdade a omissão tão frequente da pessoa do Pobre, quando enfermo, quando inválido, nas estruturas sociais.

Esta coluna fala e há-de na verdade continuar a dizer do doente e só do doente abandonado.

Mas o problema deste põe-se em todas as classes. O doente que aparece em casa é algo que pesa, que estorva, que importa arrumar quanto antes, restituindo-lhe a saúde. Ora, esta nem sempre está ao alcance das possibilidades humanas. E, quando o não está, há que arrumar a presença incómoda do doente seja de que modo for.

O problema põe-se em todas as classes. Ontem, telefonam-me uns senhores da cidade. Fazem a sua apresentação e dizem dos seus predicados. E entram no assunto. Falam de pessoa de família que está paralisada e precisa de ser acolhida aqui. «*Dá muito trabalho em casa. Não sabe o que faz nem o que diz. Estamos cansados. Os senhores têm tanto jeito*

*para tratar doentes!*» Respondo que isto é só p'ra Pobres. Falam-me em cunhas. «*E se arranjassemos uma cunha forte?*» Estão enganados — acrescento. Não trocamos o Pobre. «*Mas nós damos uma pensão mensal.*» Não nos deixamos vender por dinheiro nenhum — remato eu. Até entre os ricos, o doente pesa. Não admira, pois, que o pobre não suporte o doente se o rico não pode com ele!

Nós queremos pegar ao colo somente o Pobre que não tem cunhas nem pensões e está doente sem cura. Somos limitados e primeiramente queremos e devemos considerar este.

O problema do doente em abandono põe-se em todas as classes; mas aqui só encaramos o do Pobre mais pobre, que é aquele que não tem ninguém.

Padre Baptista  
(Do livro *O Calvário*)

## PENSAMENTO

Ninguém ama como as crianças.  
Soubéssemos nós amá-las!

PAI AMÉRICO

# Cartas

## O Jornal abana o meu egoísmo

Esta folha de papel veio da Terra Santa. Lá, tentei imbuir-me de mais espírito cristão. Mas a vossa presença, graças ao jornal que recebo e leio avidamente, é muito mais forte. É ela que abana o meu egoísmo. Mas não tanto que me force a abdicar mais, apesar das lutas que travo comigo própria.

Vou continuar a pedir ao Senhor que me converta para me tornar cristã a sério.

Assinante 9053

## Renúncias

Enviamos um cheque de 338.352\$50 relativo à Cam-

panha da Quaresma/1998 que, este ano, a Paróquia de Santa Maria de Arrifana, juntamente com a Catequese, decidiu fazer em benefício da Casa do Gaiato.

O Pároco

## Um oceano de problemas

Envio esta gota para miigar o oceano dos vossos problemas. Foi Natal e quantos «meninos Jesus» vocês tiraram do frio, da manjedoura?! Oxalá a vossa Obra tenha sempre seguidores.

Peço uma oração pelo meu marido que foi um grande admirador e divulgador da Obra do Padre Américo.

Assinante 23618

Vem, pois, ter connosco ao Lar do Gaiato, pelas 10 horas, e traz apenas boa disposição, apetite e vontade de conviver e de participar no futuro da nossa Associação.

Fernando Pinto

## SETÚBAL

«**BODAS DE PRATA**» — Chama-se Armínio e foi gaiato como a gente. Uma vez, Pai Américo até escreveu um artigo muito engraçado sobre ele, quando ainda era pequenino.

Num dos últimos domingos trouxe a família e veio festejar connosco os vinte e cinco anos do seu casamento.

A Missa foi muito bonita. A seguir à Comunhão, a bênção das alianças; e, depois, beijaram-se. Nós gostámos muito de ver.

O «sr. Melo» trabalha nas nossas oficinas. É boa pessoa. E nós gostamos dele.

Filipe, Amândio e Nascimento

**CASAS DE BANHO** — Como já estavam muito estragadas, arranámos as casas de banho do campo; já estão em uso, há algum tempo.

Levaram tudo novo: canalizações, chão, azulejos e portas. Também ficaram com luz elétrica.

Agora, é preciso termos cuidado para não se estragarem e ficarem sempre limpas, bonitas.

Firmínio, «Vinagre» e Garcia

# África

Continuação da página 1

No Hospital da cidade é pior: Não há roupa de cama nem remédios nem alimento. Quem lá vai, tudo tem de levar consigo. Quem lá vai... que só lá vai em último recurso! E tantos que se ficam pelo caminho sem recorrer a nada!

É verdade que o mosquito é um animal feroz. O mosquito e quantos outros seres infinitamente pequenos propagam em dimensões infinitamente grandes tantos males que afligem o homem. Mas este também o é, enquanto, a tantos pecados de acção soma este, de omissão, que é deixar a morte à solta ceifando vidas, tendo em suas mãos poder para as salvar. Que contas más de si e do seu governo prepara o homem para dar a Deus!

Padre Carlos

# Tribuna de Coimbra



## Não fechemos o coração à vida!

QUANDO era criança não havia «Dias Mundiais» de nada. Hoje, há-os para tudo. O mundo tornou-se mais próximo e sensível. É uma exigência da fraternidade universal a que todos somos chamados. Ninguém é uma ilha... Muito importante, interessante, «o da Criança». Não podia deixar de ser. Coramos de vergonha quando ouvimos enormidades sobre as crianças... São sinais de grande fragilidade da nossa cultura.

Numa Casa do Gaiato, tudo nos fala da criança. Não de uma qualquer, mas da criança pobre, englobando neste vocábulo tudo o que hoje conhecemos acerca da pobreza que, como sabemos, está longe de ser apenas material. Criança pobre, esta, que nasceu em circunstâncias difíceis. Que apesar de tudo, nasceu! E, os pais aceitaram em hora feliz. Talvez com um sorriso nos lábios e dor no coração. Não há ninguém que ao nascer não tenha experimentado, ao menos, um sorriso fugaz. Aliás, sabemos que os Pobres, mais do que ninguém, consideram os filhos a sua maior riqueza. Há também os degradados; esses, quando esquecem os filhos é porque, há muito, já não dão conta de si. Temos muitos filhos deles.

Nós somos uma afronta à mentalidade abortista. Os nossos são agora e sempre um hino ao Deus Vivo. Eles dizem, à sociedade, a verdade da fraternidade e do amor. E, quantos corações se não têm transformado com o simples sorriso dum criança!? Deixá-las nascer como pedia Madre Teresa de Calcutá — porque «elas são o melhor do mundo», dizia o poeta.

O Dia Mundial da Criança, entre nós, devia descer às profundezas das nossas raízes culturais: abrimo-nos sempre de alma e coração ao infinito. Somos o povo dos mares infindos. Cantamos, como ninguém, a saudade do lar perdido e, na moldura do nosso olhar ancestral, paira, suave e doce, o nome de mãe. Não fechemos o coração à vida!

Padre João

# Malanje

30/04/98

## Mais três salas de aulas

HOJE, pensei na nossa escola ao olhar o «Dódó» com a saca a tiracolo. Escola com três salas cheias de manhã, à tarde: Primária, quinta e sexta classes.

Os nossos rapazes mal cabem e as solicitações das aldeias vizinhas afligem-nos.

Cabe dentro dos princípios da nossa Obra o darmos ajuda a tantas destas crianças com capacidades e sede de saber.

Para tal, mais três salas... Precisamos de ajuda para mais três salas. Matar a fome é bom! «Dar a cana para pescar o peixe» é melhor.

Vamos começar. Claro, confiados nos Amigos, Amigos da Obra da Rua e apaixonados pelas crianças.

03/05/98

## Procuramos dar vida às oficinas

SENTIMOS uma lacuna profunda no ensino que temos. Falta de cami-

nhos em direcção ao campo, à pecuária e aos ofícios.

Atentos, estamos procurando dar vida às nossas oficinas. Manhã, estudo; e tarde, oficina. Tarde, estudo; oficina, de manhã.

A vinda do Daniel para a carpintaria e do António para a electricidade e computadores deu-nos um novo alento. Os dois vieram da nossa Casa do Gaiato de Lisboa. Têm sido, para os nossos rapazes, um exemplo de trabalho e amor à Obra da Rua.

Encantou-me, sobretudo, a maneira desportiva como encararam a nossa pobreza em relação com a fartura das nossas Casas de Portugal.

Que não desanimem e o Senhor os conserve entre nós para bem dos nossos rapazes.

Sentimos alegria com o interesse que os nossos manifestaram pela aprendizagem dum ofício...

Assim: cinco, na carpintaria; cinco, na serralharia; três, nos computadores; três, na electricidade; seis, na mecânica; quatro, na condução; e um pedreiro.

Estou ansioso pelo momento em que alguns descubram os encantos do campo e da pecuária... As plantas a crescerem e os vitelinhos a correrem à doida pelos parques!

Virá o dia.

Padre Telmo

# PATRIMÓNIO DOS POBRES

## Mea culpa

«Faz parte do ensinamento e da prática mais antiga da Igreja a convicção de estar obrigada, por vocação — Ela própria, os seus ministros e cada um dos seus membros — a aliviar a miséria dos que sofrem, próximos e distantes, não só com o «supérfluo», mas também com o «necessário». Nos casos de necessidade, não se podem preferir os ornamentos supérfluos das igrejas e os objectos do culto divino preciosos; ao contrário, poderia ser obrigatório alienar estes bens para dar de comer, de beber, de vestir e casa a quem disso está carente. Por minha parte, desejaria insistir ainda na sua gravidade e na sua urgência, implorando do Senhor a coragem para todos os cris-

tãos, a fim de poderem passar fielmente à aplicação prática.

João Paulo II»

NAS pequenas viagens que temos feito pelo País encontramos panoramas autênticos de pobreza e, por vezes, de miséria. Palácios rodeados de casebres e barracas. Excesso de grandeza à mistura com pobreza. Uns com tudo, outros sem nada.

Nas palavras que citámos de João Paulo II lemos a obrigação de estar atentos à vida dos Outros que são nossos irmãos: «aliviar a miséria dos que sofrem, próximos ou distantes, não só com o 'supérfluo' mas também com o 'necessário'».

Todos os cristãos e homens de boa vontade que chamam a Deus seu Pai têm obrigação de reconhecer

todos como irmãos. Somos da mesma família e temos o Pai comum.

O Papa chama a atenção para os ornamentos supérfluos das igrejas e objectos de culto preciosos. Há, por vezes, tantas coisas supérfluas em nossas igrejas e à volta encontramos tantas carências! O que alguns gastam excessivamente, enquanto muitos outros vivem à míngua.

Aproxima-se mais um Verão. Tantas festas estrondosas! Tantas Comunhões solenes que são revestidas de vestidos e adornos só para parecerem os melhores! Tantas misturas de cristianismo com paganismo por essas terras além! Tantos foguetes! Tantos bens gastos só para mostrar ao mundo!

Peçamos ao Senhor a coragem para praticarmos a partilha dos nossos bens pelas necessidades dos irmãos, na habitação, na

fome, em todas as carências da vida.

Que sejam guias das nossas vidas:

«As palavras inflamadas do Cardeal brasileiro, no Concílio, a convidar a Igreja inteira a um 'verdadeiro' processo de conver-

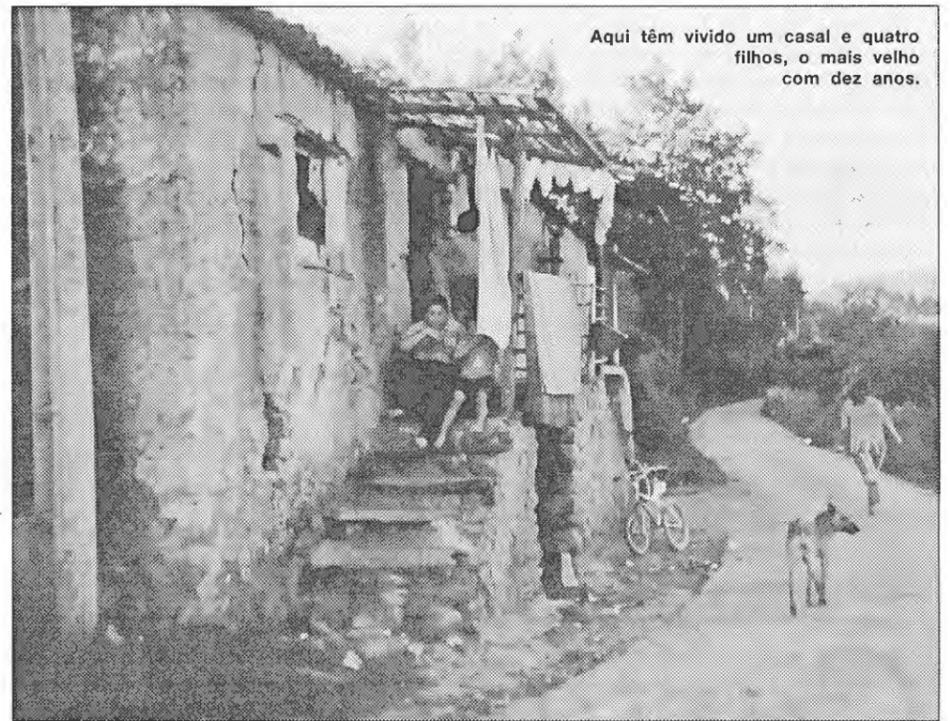
são da mentalidade, de vida e práxis a realizar no contacto directo com o 'povo pobre', numa 'atitude de escuta, de humildade, de despojamento'.»

E com o Santo Padre: «Reconheçamos de coração contrito que nós, enquanto

Igreja, não temos estado na primeira fila dos direitos humanos e que muitas vezes com a nossa 'ciência' temos até justificado violações dos direitos humanos!.»

Conscientes, reconheçamos: Mea culpa. Mea culpa.

Padre Ilário



Aqui têm vivido um casal e quatro filhos, o mais velho com dez anos.

## DOCTRINA



A Crisandade adormeceu...

ERA já noite. Um gasogénio parou à porta da casa onde habito e alguém saíu de dentro, a saber do Padre Américo. Eu estava e atendi. Tratava-se de um senhor formado em Letras, proprietário de um grande colégio, que me veio declarar, por palavras suas, o desejo que tem de fundar uma Casa do Gaiato na sua terra, tendo seguido dali para a de Miranda do Corvo viver alguns momentos com os rapazes e colher inspiração. Não posso reproduzir aqui, fielmente, as palavras daquele senhor, mas sim a ideia: «Meu caro Padre — disse — o meu colégio dá-me um lucro estúpido. Não me dói a consciência de levar mais caro do que os meus colegas de ensino; mas as mesadas do estilo deixam tanto que, por muito que eu gaste no governo da casa, ainda me sobram umas centenas de contos no fim do ano. Eu não tenho filhos, infelizmente, e a minha mulher é rica. Por outro lado, tenho muito medo de cair na ridícula tentação de construir prédios e de comprar quintas de rendimento. Eis porque eu venho aqui de tão longe, com minha mulher, pedir que nos ajude a distribuir os nossos lucros fabulosos numa Obra de rapazes abandonados, semelhante à que V. tem.» E mais não disse.

MEUS estimados ouvintes, agora digo eu: — Tenho receios justificados de que este homem bom não tenha tempo de executar a fria resolução de, com a sua fortuna, levantar a gente que outras fortunas têm lançado por terra; parece-me que já é tarde. Eu mesmo, ouvintes e senhores, que

me ocupo há muitos anos em dar o meu sangue às gotas por amor dos Abandonados, eu, digo, tenho para mim que virei a ser obrigado a dá-lo todo, por uma só vez e com violência, sem benefício para ninguém. O povo, farto de sofrer, perdeu a fé nos homens e já não acredita nas suas intenções, mesmo que elas sejam boas e sinceras; nem está disposto a deixar que lhe façam bem — e esse é precisamente todo o nosso mal.

LEÃO XIII falou de Roma aos cristãos do Mundo inteiro. Eles ouviram, arquivaram e deitaram-se a dormir. A palavra era dura demais! De uma vez, houve uma sessão solene em certo Seminário onde eu estudava Teologia, tendo, então, à beira dos quarenta anos de idade. Um dos oradores da festa pronunciou a palavra *Rerum Novarum*. Nunca tinha ouvido tal nome e um discípulo meu a quem perguntei, também não! Agora já assim não é. A doutrina social da Igreja saíu dos arquivos e anda, na verdade, muito agitada nos discursos do dia. Não perdeu nada, nadinha, da sua virtude. Talvez, porém, da sua oportunidade, por não ter sido praticada quando devia ser.

SIM, a Crisandade adormeceu e tal jeito tomou na palha da cama que parece já não arrumar de lá para fora, senão pela violência. Não obstante os perigos da porta e o sinal dos Céus, muitos cristãos, de dentro dos seus doces leitões, compram, sem precisar, casas e quintas de rendimento. As esponjas do mar, saturadas, não recebem mais. Tu não. Naufragas naquilo mesmo de que fazes tábuas de salvação, oh infeliz!

*P. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

# Benguela

## A Esperança é a porta do futuro

HOJE, apetece-me falar da Esperança. Primeiro, porque estamos a celebrar a Festa da Ascensão do Senhor, que tem uma dimensão humana muito rica. Sentimo-la, aqui e agora, neste período de transição e de mudanças que nos é dado viver.

O sentimento quase generalizado é de incerteza e medo do futuro. Há muitíssimos cidadãos que expressam, de alguma maneira, estes sentimentos em suas vidas. É uma experiência negativa. Não devemos deixar-nos abater nem desalentar pela incerteza e medo do futuro. Qual é a porta do futuro? É a esperança que se traduz em projectos.

Esta linguagem contém uma mensagem substancial que vai contrariar o que nos aparece à primeira vista: a degradação continua e parece não haver quem a segure. Mais. Esta sensação de insegurança, para a maioria das pessoas, provém das preocupações da vida quotidiana no lar, no trabalho e na rua. No lar, falta o pão; e onde falta o pão... No trabalho, tudo é precário e a pessoa não se sente feliz porque lhe falta a segurança. Na rua, o espectáculo de crianças a vadiar, de jovens sem terem que fazer, de pedintes a estender a mão incómoda a quem passa.

Hoje, ao pequeno-almoço, com leite e dois pães pequenos, mais a margarina, reparei no rosto alegre, de boa disposição, dos nossos rapazes. Não há dúvida que é um espectáculo ver as cento e quarenta caras sorridentes a espelhar-se na tigela cheia de leite. A alegria seria muito maior se pudesse ver muitas outras, em suas cubatas, debaixo do olhar das mães, a comer o necessário.

Este pormenor do nosso dia, mais a mensagem da Festa, levou-me pelo caminho da esperança. E leva-me a dizer que é preciso passar da incerteza e do medo para a segu-

rança humana. Passar da segurança da força para a segurança da vida e do direito. Falamos da nossa experiência, neste cantinho. Este é o caminho do autêntico desenvolvimento social.

Parece-me que se podia e devia fazer muito mais, nesta linha, a nível da comunidade nacional. A valoração da vida em si mesma é uma pedra basilar. Daí, o respeito pela vida deve estar no centro das decisões.

Quando os responsáveis são movidos por desejos nobres de servir, fazem sempre algo de importante para a vida do nosso povo, ainda que seja pouco. Mas fazem o bem. Alimentam, deste modo, a esperança, qualidade imprescindível para a sobrevivência e o arranque da nação. Põem remédio na degradação humana e material também. As suas palavras geram confiança. Transmitem segurança e não deixam morrer as fontes da vida escondidas na alma deste povo bom, sofrido, paciente. É, no fundo, uma questão de respeito pela vida em si mesma.

Quem dera, neste período já longo de mudanças, se cuidasse com maior atenção da segurança das pessoas no seu dia-a-dia quanto ao sustento económico, alimentação, saúde, educação, etc. Não se podia e não se pode fazer mais? Eu, pessoalmente, sinto-me insatisfeito e quero viver cada vez mais comprometido. A Casa do Gaiato quer ajudar a nação. Para isso está a velar pela segurança humana destes filhos da nação, ajudando-os a ser responsáveis, a ponto de virem, um dia, a governar as suas vidas. Não há dúvida que a gente quando está insegura, faz-se um peso grande para a sociedade. Pior ainda quando se trata de pesos mortos.

A escola é um elemento muito importante na vida das crianças. Estamos a viver, com muito interesse, este primeiro ano do funcionamento do segundo nível, em nossa Casa. A esperança é a porta do futuro. A esperança traduzida em projecto. Obrigado.

Padre Manuel António